

Espaço Delirium e Instituto Inclusartiz apresentam:

MANAUARA CLANDESTINA

# PITIÚ DE COBRA



# Pitiú de Cobra

*Pitiú é o nome que se dá à catinga que o peixe tem.  
O que deixa rastros - olfativos - ainda segue invisível?*

A exposição *Pitiú de Cobra* tensiona o modo como historicamente as travestilidades vêm sendo alocadas em nossos contextos sociais, aproximando o passado do presente, e estabelecendo um solo possível para outros futuros. *Manuara Clandestina* é natural de Manaus, Amazonas, afro-indígena e seu trabalho dialoga com novas perspectivas sobre a vida travesti, questionando as condições de existência que as permeiam a partir de processos de transição de fronteiras. A mostra se organiza a partir dos eixos: *Colonização, Sonho, Repouso e Construção*, uma ode ao encontro, movimento de afirmação de vida.

Seu processo de criação se dá na relação com suas irmãs, onde o resultado apresentado escapa das risadas, dos segredos e dos sonhos que constroem juntas. Encontros como abrigo desejanste de mundos possíveis, livres da supremacia branca, patriarcado, capitalismo e heterossexismo. Um mundo diferente do agora, e "sonhá-lo coletivamente significa que podemos começar a trabalhar para fazê-lo existir"<sup>1</sup>.

Em *Sonhos de Ventura* (2017), vemos a pastora Ventura Profana a sonhar com a extinção das antigas estruturas onde se assenta o privilégio cis, almejando mananciais de bonança para aquelas anteriormente condenadas. Este díptico coloca em diálogo a abertura de caminhos, onde desejos, imagens, e fantasias, revelam-se como profecias de um tempo vindouro a ser materializado para além do onírico.

*O que aquilo que passou pode nos dizer em 2021?*

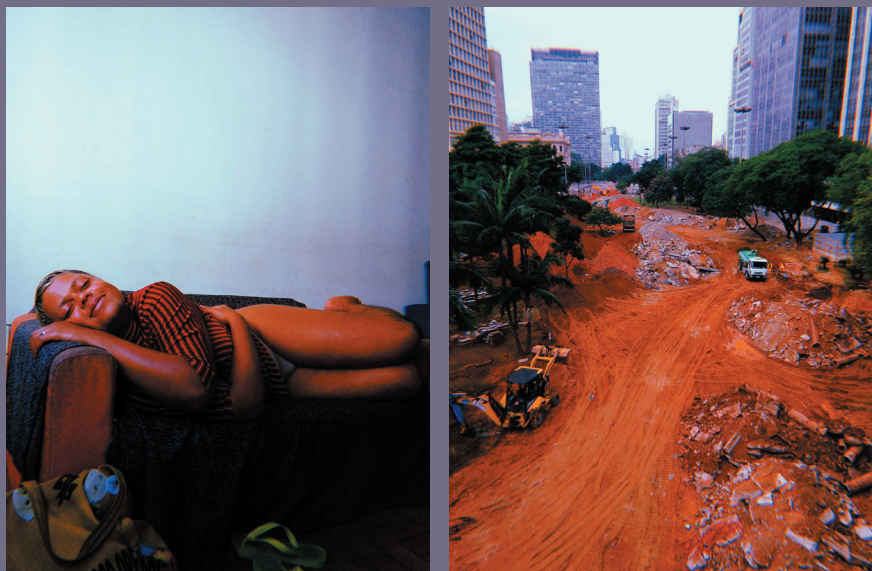


Building. Vídeo, 2020, 5 '37''.



O repouso do chuchu, 2018  
Fotografia Digital (Tríptico). 30 x 22 cm (cada).

Sonhos de Ventura, 2017.  
Fotografia digital (Díptico) 50 x 70 cm.



Colônias, 2017-2018.  
Fotografia digital (Díptico), 40 x 30 cm (cada).

### CENA 1:

Nos autos de processos inquisitoriais do Brasil colonial<sup>2</sup>, podemos encontrar a acusação do português cristão Matias Moreira, que baseado no Direito Canônico, acusa a travesti, Xica Manicongo nascida no Congo, escravizada, quimbanda, de “fingir ser de diferente estado e condição” onde “o homem que se vestir em traje de mulher pagará 100 cruzados e será degredado para fora do Arcebispado da Bahia arbitrariamente, conforme o escândalo que der e efeitos que resultarem”<sup>3</sup>.

### CENA 2:

27 de fevereiro de 1987: início da Operação Tarântula da Polícia Civil de São Paulo. Teve em seu primeiro dia, 56 pessoas presas e cerca de 300 travestis e mulheres trans perseguidas na ação. Patrícia Vieira Nascimento em entrevista à Folha de S. Paulo recorda: “Colocavam as travestis dentro do camburão e elas se debatiam. O carro ia em alta velocidade. Quando parava, tinha menina de braço quebrado, uma com o salto enfiado na perna da outra. Era horroroso”<sup>4</sup>, a operação foi suspensa em 10 de março do mesmo ano.

### CENA 3:

17 de janeiro de 2008: Por volta das 22h20, um grupo de 20 travestis entra correndo em um hotel da Rua General Jardim, na Vila Buarque, no Centro, ao ver uma viatura da PM. O departamento da Polícia Judiciária da Capital mobiliza 900 policiais civis e 242 viaturas em uma megaoperação para combater a prostituição nas ruas de São Paulo. Resultando em 1.030 travestis, garotas e garotos de programa sendo revistados. “Uma viatura que levava uma travesti recolheu outra na Rua Dona Veridiana e mais quatro na Rua Major Sertório. As seis foram espremidas no camburão”<sup>5</sup>.

Por que Jup do Bairro afirmou que autocuidado nunca foi skincare? Talvez repousar seja um privilégio das que podem parar, e não para aquelas que a migração é uma estratégia de continuidade. Em *O repouso do Chuchu* (2018) rituais estéticos mesclam-se com estéticas rituais, onde o repouso se destina para aquelas para quem repousar nunca foi uma possibilidade, seja em razão dos padrões impostos pela cisgeneridade, ou pelas necropolíticas em curso no Brasil. Qual peso está sob as costas daquelas que repousam?

Manuara se contrapõe à determinabilidade que busca marcar a existência de travestis e/ou mulheres trans negras, africanas e brasileiras, operando violências físicas e simbólicas desde tempos imemoriais. Estas cenas, articulam a metodologia utilizada por Denise Ferreira da Silva, onde implicações temporais constroem “uma figuração da atravessabilidade, quer dizer, de sua capacidade de atravessar, criar uma brecha no tempo linear”<sup>6</sup>. Propondo assim prática artística como um “locus generativo para o engajamento em uma reflexão radical sobre as modalidades de subjugação racial (simbólica) e colonial (jurídica) que operam com plena força no presente global”<sup>7</sup>.

No díptico *Colônia* (2017 - 2018), temos registros de anos distintos, que se completam na ênfase imagética da oratória euro-cristã, uma das sólidas bases da dominação patriarcal. Nesse sentido, a colonização deixa de ser, simplesmente, uma das formas como a espécie humana se espalhou pelo mundo, aludindo também à implementação de mecanismos jurídicos e disciplinares. Demônios e processos de catequização extrapolam a antiga história do Brasil, respingando na história recente, onde fantasmas coloniais tentam definir a ocupação de lugares sociais e políticos.

Desenvolvendo sua série, *Por Enquanto 35*, Manuara atravessou capitais como São Paulo, Londres, Barcelona, Rio de Janeiro e Salvador, considerando este um projeto contínuo, que reivindica a técnica do retrato como gênero artístico/tecnológico de inscrição de registros históricos. Metaforizando o apagamento da memória travesti nas grandes cidades ao eleger a *polaroid* - dotada de sua evanescência - como suporte.

O vídeo *Building (5 '37'')*, foi um desdobramento de sua residência na Delfina Foundation, onde Manuara profetiza a chegada de um novo tempo, um futuro onde as travestis gozem de segurança e amor. Através de um deslocamento temporal, a montagem sobrepõe passado e presente a partir de investigação biográfica, subvertendo o tradicional modo como as parentalidades são invisibilizadas das histórias das travestis e mulheres trans. Fato resultante da normatividade que molda as concepções de arranjos familiares, historicamente pautados pela heterossexualidade monogâmica e reprodutiva.

Próximo ao Centro Histórico de São Paulo, Delirium se localiza na área onde a cidade foi fundada, em 25 de janeiro de 1554, pelos padres jesuítas Antônio de Vieira, José Anchieta e Manoel da Nóbrega. A área onde encontra-se a praça *Rotary*, possui uma história oficial iniciada com a venda da chácara do General José Arouche de Toledo Rendon (1756 – 1834) que havia transformado as terras de plantação de chá, em uma área de exercícios militares. Posteriormente vendida pelos herdeiros de Antônio Pinto do Rego Freitas (1835 – 1886) para a empresa *Obras do Brasil*, propriedade do senador Rodolfo Miranda (1882 – 1954) e do engenheiro Manuel Buarque de Macedo (1837 – 1881)<sup>8</sup>. Apagamento e manutenção. Estes nomes nos interessam aqui acompanhados por datas que evidenciam claros marcadores históricos e sociais. O que permite nomes atuarem no presente como critério de localização? Carregados ainda em ruas e outros marcos da capital?

### CENA 4:

18 de junho de 2021 (*Ontem/Hoje/Amanhã*): Pitiú de cobra, reúne obras onde a reiteração de imagens de dor, metamorfoseiam-se em poéticas do sonho. Inscrições que extrapolam qualquer determinação histórica. Como anunciado por Ventura Profana, a chave foi arrebatada das mãos do senhor, e travestis engenhosas aprendem a voar. E ainda que submersas..... respiram, em superabundância!!!

A artista foi contemplada em 2020 com uma residência na *Delfina Foundation* (Londres, Inglaterra) por meio de um open call voltado para artistas da Região Norte do Brasil, lançada pelo *Instituto Inclusartiz*, que continuou a apoiar sua pesquisa de processos de migração. Durante sua estadia no *Piramidón - Centre d'Art Contemporani* (Barcelona, Espanha), a artista dirigiu a criação da instalação *Vapor* (2021), uma proposição coletiva que invoca a transformação, de um corpo que não aparece à vista, como uma velha pele de cobra. Rastros de uma travessia desejante de vida, ou como sintetiza Ney Matogrosso em *Cobra Manaus* (1983): “é o desejo da vida sibilante”.

*Pitiú de cobra* é uma mostra de possibilidades de auto representação a partir das metodologias de inscrição de vivências dissidentes e narrativas outras nas artes. Manuara segue costurando travessias e passagens, que indicam algo que está presente, ainda que não visto, anunciando a profecia que se cumpre.

por Aldones Nino<sup>9</sup>

<sup>1</sup> Walidah Imarisha, 2015, p.3.

<sup>2</sup> Capitão Cardonega. História geral das guerras angolanas, 1681.

<sup>3</sup> Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, 1853: § 939 e 958.

<sup>4</sup> Isabela Barreiros. Operação Tarântula, publicada em 12/02/2021. Fonte: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/operacao-tarantula-acao-da-policia-de-sao-paulo-que-cacava-travestis.phtml>>

<sup>5</sup> Fonte: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/operacao-contraprostituicao-nas-ruas-da-capital-termina-com-11-presos-448264.html>>. Acesso em 05 de junho de 2021.

<sup>6</sup> SILVA, Denise Ferreira da. A Dívida Impagável. São Paulo: Oficina Imaginação Política, 2019, p.151.

<sup>7</sup> SILVA, D. F. Em estado bruto. Revista ARS (São Paulo), n° 36, 2019, p. 46.

<sup>8</sup> Fonte: Homã Santana Alvíco. Requalificação Praça Rotary, Vila Buarque - SP. Trabalho de Conclusão de curso da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (2013), p.50.

<sup>9</sup> Assessor de Formação e Educação do Instituto Inclusartiz (Rio de Janeiro, Brasil) e Curador Adjunto de Colégium (Arévalo, Espanha).

**ABERTURA: 18 DE JUNHO / 17H ÀS 20H**  
**SEXTA E SÁBADO: 13H ÀS 17H**  
**NO ESPAÇO DELIRIUM**

RUA GENERAL JARDIM 556, VILA BUARQUE - SP

ARTISTA  
**MANAUARA CLANDESTINA**

**INSTITUTO INCLUSARTIZ**

PRESIDENTE  
Frances Reynolds

DIRETOR EXECUTIVO  
Cristiano Vasconcelos

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
Marcele Vargas

COMUNICAÇÃO  
Thiago Mattos

TEXTO CRÍTICO  
Aldones Nino

DESIGN GRÁFICO  
Livia Naylor

FOTOGRAFIA DE CAPA  
Vicente de Mello

**ESPAÇO DELIRIUM**

DIREÇÃO  
Bruno Baptistelli e Tiago Malagodi

APOIO



REALIZAÇÃO

*Delirium*